



## Assim é se lhe parece

ARTISTA VISUAL DE BLUMENAU PROPÕE TAREFAS POÉTICAS AO OBSERVADOR

### Édio Raniere

Fotografar é sempre um risco, perigo abismal. Conduzir o clique da máquina sobre um corpo passante, e todos os corpos são passantes, é como o andar do equilibrista que pé ante pé percorre a corda estendida por sobre a morte. Cair da corda, cair no nada é congelar o mundo, representá-lo, frear os devires, condensar um instante do caos para fazer dele uma imagem apaziguadora e dormitante, paralisia da vida, de suas disputas intempestivas, processuais, intermináveis.

O lugar-comum da fotografia é a morte. Desta provém sua vontade e seu alimento. Ou seja, uma fotografia começa sempre interrompendo, matando uma paisagem para, em seguida, fazer circular um morto espetacularizado. O que quer a foto? Assassinar e divulgar o

assassinato. Esse tipo de fotografia nos leva sempre a constatar algo: isso é isso, isto significa isso etc.

Para funcionar, ela faz acionar em nosso olhar uma concepção atomista de mundo, em que o movimento permanente e caótico da vida é reduzido a sujeitos, personagens, átomos, unidades. Parmênides, em seu filosófico túmulo grego, festeja todos os dias a comprovação fotográfica de sua ontologia: “O Ser é eterno, imutável, uno e indivisível.”

Estariamos todos, os que gostam e mesmo os que não gostam da fotografia — visto que a imagem predomina em todas as esquinas virtuais e atualizadas do mundo — condenados a essa triste afecção com a vida? O inegável sucesso da fotografia estaria relacionado, de alguma forma, com a vencedora concepção essencialista-platônico-cristã? A foto-

grafia estaria nos permitindo acreditar nas tais essências-átomos-sujeitos que durante séculos estivemos desesperadamente procurando por toda parte, sem nunca conseguir encontrar?

Aparentemente, sim. Já que o registro fotográfico respira colado à promessa de uma unidade individual — Eu-Alma-Sujeito —, ao apaziguamento do turbilhão da existência e mais profundamente à negação da morte através da ressurreição: “(...) essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia, o retorno do morto” (Barthes). Contudo, e esta questão é a que me parece a mais importante, haveria formas ou ao menos tentativas de se escapar disso?

Felizmente, existem algumas. Um exemplo catarinense é o blumenauense e liquidificante Charles Steuck. Para além do velho cansado debate escola naturalis-

# Steuck

ta versus estéticas contemporâneas, boa parte da pesquisa fotográfica de Steuck está relacionada com o problema representacional da fotografia. Problema que nos parece estético, sem dúvida, mas também político e ético. Da mesma forma, nos parece ingênua uma tentativa de analisar este trabalho entre uma tensão comercial versus revolucionária ou ainda em termos de acessível versus cult.

A arte representacional fotográfica se pretende como ponto mais alto da estética aristotélica, em que a arte imita a vida. Mas o que consegue realmente fazer, ao congelar o movimento, é inventar sobre este instante uma historinha. “Aqui está meu irmão e minha mãe”: historinha familiar-edipiana; “esta é a praia onde passamos as férias”: historinha pequeno-burguesa; “este sou eu”: historinha identitária.

Em “A câmara clara” Roland Barthes nos diz que “seja o que for que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”. Mas, se não a foto, então o quê? Os objetos fotografados acionam histórias prontas, as quais atualizam em nós sentidos que nos confortam/impedem a experiência com o trágico da vida. Um tanto da obsessão contemporânea pela fotografia passa pelo desejo de reviver histórias reconfortantes, tal qual acontece todo final de ano com a aventura de Jerusalém. Historinhas que nos permitem esquecer por alguns minutos que a vida não possui nenhum sentido natural, que durante a existência estamos fadados ao sofrimento e que ao final desta existência o prêmio é sempre o mesmo, findar. A historinha impede, camufla, maquia o contato com o trágico, mas nem por isso o trágico deixa de existir. Alguns minutos depois de tomar uma dose outra dose-historinha se faz necessária.

A fotografia de Charles Steuck lida com o trágico de outra maneira. Em vez de afastá-lo, tenta fazer passar o que pede passagem. Steuck força a fotografia até que ela desestabilize o sentido homogêneo da representação, possibilitando àquele que a observa uma criação múltipla. Se as fotos-historinha paralisam a invenção — de mundos, de si, de sentidos — ao preencherem o observador com suas narrativas reconfortantes, as fotos-steuck convidam-no a topar o trágico. Ao esvaziar a foto de representações, sem cair no sem cheiro, sem sabor do abstrato, Charles presenteia seu observador com uma poética tarefa: inventar sentidos à imagem. ▶

Para atingir esse ponto, o fotógrafo se utiliza de algumas estratégias:

## ■ metáfora

Quando a imagem fotografada nos remete a uma outra imagem. Podemos vê-la operando em “Abaixo do Costão”. Pedras-bundas que são pedras, mas que nos fazem sorrir ao desterritorializar rochas e reterritorializar bundas. A fricção entre uma representação e outra desmonta a substância-unidade da rocha. O perigo que se corre aqui é estacionar o olhar na bunda — substancializar a reterritorialização — e não permitir nenhuma outra passagem. Nesse sentido, um olhar fetichizado pode despotencializar a experimentação, paralisando o entre-mundos com a constatação “isto é uma bunda, ra, ra, ra: *the end!*”



## ■ composição de mundos e/ou fotografia do absurdo

Um passo a frente da Metáfora a composição de mundos suspende a substância através de um jogo delirante com a “realidade”. Partindo de objetos cotidianos faz a imagem se abrir ao caos fabricando relações absurdas, impossíveis como estas em “Chaveiro”. O risco que se corre aqui passa pelas interpretações especializadas, ao exemplo do que a psicanálise fez com o Surrealismo ou com o próprio Duchamp. Ou seja, congelar a multiplicidade rizomática dos devires — imagens também vem a ser — na enfiadonha organização edipiana onde chaves significam falos e o buraco da fechadura significa a mamãezinha. Assim, para funcionar bem, esta estratégia precisa afastar da imagem os especialismos mercadológicos e suas categorizações. De uma maneira geral um observador, com um pouco de sorte, aciona para si excelentes níveis de experimentação.



## ■ matilha

Trata-se da mais refinada entre as três, grau mais alto de desterritorialização, esvaziamento mais completo de sentido. Funciona quando o fotógrafo desamarra um grupo de imagens selvagens sobre um determinado território. Ao correr livremente a Matilha carrega o observador à percepção de que não há sentido natural no conjunto de fotos, permitindo que ele invente este sentido, levando-o à constatação de que ele já faz isso o tempo todo em sua própria vida. “Olho de Sopro”, “Olho Nu”, “Série Asteriscos” e “A Tua Presença” correm juntas numa Matilha que conta com mais de 100 imagens. Vide alguns dos grupelhos, os menos ariscos, dessa Matilha Olho, no território: [www.flickr.com/olholho](http://www.flickr.com/olholho).

Olho/máquina, olho/semente, olho/nuvem; olho/propriedade, olho/identidade, olho/polícia; olho/virtual, olho/desejo, olho/fetichismo, olho/rua, olho/bomba de gasolina, olho/caixa eletrônico; olho/BR, olho/sala de aula, olho/TV senado; olho/blog, olho/prateleira de supermercado, olho/poema, olho/reality show; olho/webcam, olho/satélite, olho/camaleão. Múltiplos olhos, múltiplos olhares, múltiplas possibilidades. Livre, enfim, das correntes de significação, o observador pode criar-olhar-experimentar uma imagem. ■



### ■ textos | édio ranieri

é autor de “O Jardim das Ilusões” — Ed. Cultura em Movimento, 2007. Atualmente prepara livro sobre o Núcleo de Teatro Experimental/NuTE, de Blumenau. À medida que escreve, os capítulos são publicados em [www.nuteparatodos.wordpress.com](http://www.nuteparatodos.wordpress.com)

### ■ imagens | charles steuck

pesquisa desenho, pintura e fotografia desde 1995. Licenciado em Artes pela Universidade Regional de Blumenau/FURB, desenvolveu o projeto “Revela mundo” — com patrocínio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura —, ministrando oficinas de fotografia a crianças em situação de risco social.